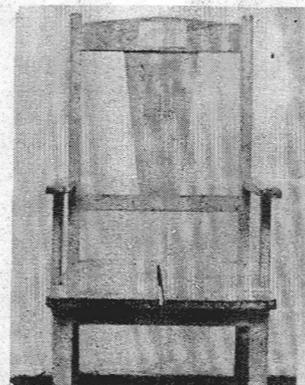


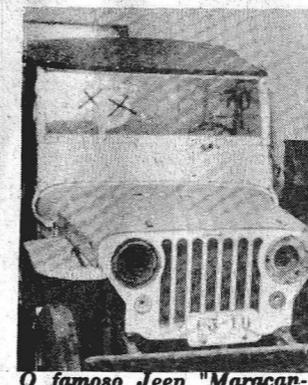
Um dos 70 volumes da coleção de recortes do IHGDF, pequena mostra da oposição que se fez a Brasília. Haveria alguém, hoje, capaz de achar que a nova Capital é obra de louco?

GUARDANDO A HISTÓRIA

Reportagem de Maria Valdira
Fotos de Antônio Dorgivan



Uma das preciosidades do Instituto Histórico e Geográfico: a cadeira em que Juscelino se sentou, durante a 1ª. Missa, em 3 de maio de 1957



O famoso Jeep "Maracangalha", primeiro e durante muito tempo único transporte oficial, integra o acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal



Ministro Guido Mondim, Presidente do Instituto, à direita, e Fernando Tamanini, à esquerda, contam como nasceu o IHGDF, o que tem realizado e o que pretende fazer para cumprir suas altas finalidades

Cerca de dois mil objetos, documentos e fotografias, constituem o acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. Entre as preciosidades de sua coleção, de inestimável valor, estão o primeiro aparelho de rádio-transmissão usado em Brasília; a cadeira onde o Presidente Juscelino Kubitschek se sentou, durante a Primeira Missa celebrada em terras do Planalto Central que se preparavam para receber a Nova Capital; a primeira bandeira de Brasília; o primeiro Jeep que transitou pelas picadas do cerrado e transportou autoridades e visitantes ilustres; uma arca de madeira que pertenceu à missão Cruls e que guardou documentos, mapas e pertences, dos desbravadores que percorreram o Planalto em fins do século passado; e a louça que pertenceu aos proprietários da Fazenda do Torto, onde, muitas vezes, foi servido o café a Luiz Cruls.

Contando a história de Brasília, preservando-a para o conhecimento das gerações que nos sucederem, o Instituto Histórico e Geográfico, nos seus onze anos de existência, tem prestado preciosa colaboração à cidade. Inúmeras atividades, de caráter cultural, têm sido sua iniciativa, como a promoção do Primeiro Congresso Brasileiro de História e Geografia, em 1968. Idéia de um grupo pioneiro de Brasília, o Instituto teve um início fulgurante, congregando, logo, em seus quadros, o que havia de mais representativo no Distrito Federal. Governo e povo lhe emprestaram apoio e estímulo. Defrontou-se também com gran-

des dificuldades, mas superou-as em definitivo. Hoje, o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, alojado em sede própria, numa das mais belas concepções arquitetônicas da cidade, está vivendo sua segunda fase, tão promissora quanto seus começos. Depois de amanhã, em comemoração aos quinze anos de Brasília, o Instituto realizará uma sessão evocativa, na qual serão ouvidos depoimentos, ao vivo, de "muitos dos que aqui se fizeram os primeiros nas diversas atividades comunitárias".

No dia 3 de junho de 1964, a idéia de há muito acalentada, de se preservar e difundir a história e a geografia do Distrito Federal tomava-se realidade. Fundava-se em Brasília, o Instituto Histórico e Geográfico do DF, que, quatro anos mais tarde (em 30 de agosto de 67) seria declarado de utilidade pública, através do Decreto 61.254. O apoio foi geral, de parte dos poderes públicos e de parte da população brasiliense. Embora não tendo seus próprios filhos em idade de defendê-la, Brasília mostrou o quanto era querida pelos que aqui vieram colaborar tanto na obra de sua construção como de sua consolidação. Três módulos, situados bem no centro da cidade, foram doados ao Instituto. O Governo do Distrito Federal, à época sob o comando do engenheiro Plínio Cantanhede, incluiu verbas em seu Orçamento que permitiram o início das obras, deixando-as num ponto bastante avançado. O projeto da obra, de autoria de Milton Ramos, foi resultado de

um concurso público, no qual Hélio Ferreira Pinto figurou como um dos correntes. Dando a impressão de uma imensa rosa cujas pétalas se abriam aos beijos do sol, o edifício se harmoniza com a beleza e funcionalidade de Brasília.

Houve um período difícil na vida do Instituto, quando suas atividades se resumiram a um mínimo. Mesmo aí, a chama se manteve acesa. Não houve interrupção no seu funcionamento. Agora, sob a presidência do Ministro Guido Mondim, o IHGDF reativou seu papel de importância no desdobramento das atividades culturais da Capital. Retomou as obras de sua sede, e no Orçamento da União foram incluídos recursos suficientes para sua conclusão. A próxima solenidade de Posse da Academia Brasiliense de Letras será realizada em seu auditório (que acabou de ser instalado). O Instituto vai manter também diariamente aberta sua biblioteca e seu acervo, a partir do dia 22 deste, para os estudiosos, historiadores e todos quantos se interessarem pela cultura brasiliense. Em sua programação deste ano foi incluída a promoção de novos cursos. O Museu da Imagem e do Som, órgão, integrante do Instituto, é outras das grandes realizações da entidade.

ACERVO

Visto de fora, não se tem idéia do local. De forma circular, o auditório, juntamente com a biblioteca e a exposição dos objetos,

ocupa um espaço imenso, correspondendo à parte inferior da rosa de concreto, formada de colunas sinuosas e elegantes, do exterior. Este espaço abriga o valioso acervo do Instituto Histórico e Geográfico do DF. Lá está carinhosamente guardada a primeira bandeira de Brasília, um retângulo todo em azul, tendo ao centro a silhueta da já mundialmente famosa coluna do Palácio da Alvorada, com o símbolo da cidade. Num cartão datilografado, a informação: "Esta bandeira, hasteada em Brasília, na data de sua inauguração (21.4.60), permaneceu durante muitos anos como a Bandeira do Distrito Federal, usada em todas as solenidades cívicas. Somente em 1969, depois que muitos já se haviam dado conta da inexistência de qualquer ato que autorizasse aquele uso, o Governo do DF, através de decreto (Dec. 1.090, de 25.8.69) instituiu, agora, sim, oficialmente, a Bandeira do DF, por sinal, completamente diferente desta. São os escaninhos da História! Postado de frente para a porta principal, o famoso Jeep "Maracangalha" — que tomou este nome por analogia com a canção de Dorival Caymi ("Eu vou prá Maracangalha, eu vou; Se Anália/, não quiser ir, eu vou só, eu vou só, mas eu vou"), porque muita gente não queria vir para Brasília — atestando, com sua simplicidade e vestígios de uso, a fibra dos que para aqui se mudaram, quando tudo era só mata, poeira e trabalho. Logo depois de criada a NOVACAP e Israel Pinheiro ter sido nomeado seu primeiro Presidente, o Jeep chegou a Brasília. Era o transporte oficial e

único de Israel Pinheiro, dos diretores da companhia e dos visitantes mais ilustres que vinham ver de perto as obras da construção. Durante muito tempo, o "Maracangalha" rodou pelas veredas abertas no cerrado, carregou pessoas e material. Permaneceu "em serviço" até 1970, quando a NOVACAP o doou ao Instituto. Pintado de azul claro, capota preta, o veículo tem a placa oficial de número 63-10 e, apesar de ter circulado por muito mais tempo, sua última placa foi trocada em 1966. Olhando a pequena máquina histórica, o Senador Guido Mondim, Presidente do Instituto, não esconde sua emoção. Falando sobre a necessidade de conservar e cultivar o passado como esteio aos avanços do futuro, ele diz: "Todo princípio é tão grande como a própria criação". Dr. Fernando Tamanini, um dos pioneiros da idéia do Instituto e atual 3º. Vice-Presidente, endossa a afirmativa, e chama a atenção da repórter para outros objetos que integram o acervo do IHGDF. Como se tocassem em pedras preciosas, os dois vão dando informações, sobre como adquiriram o documentário, sobre os planos para sua conservação e exposição. A gente sente, na sua maneira respeitosa de falar, no olhar carinhoso que lançam para os livros, fotografias e documentos, que estes homens amam aquilo. Atarefadíssimos em suas altas funções, encontram sempre um jeito de se dedicar àqueles objetos que contam a história viva de uma cidade que assombrou o mundo e iniciou, dentro do país, o processo da verdadeira integração nacional.

Lá está a "Mensagem de Anápolis", assinada por Juscelino, e de seu próprio punho, rasurada. No documento, que deveria ser assinado em Goiânia, estava datado e com o nome da capital goiana, mas, que, em vista do mau tempo, que não permitiu a descida do avião em Goiânia, teve de ser assinada em Anápolis, no balcão do aeroporto, sem quase testemunhas. As pressas mandaram chamar o Prefeito. O Presidente da República em pessoa se encontrava no aeroporto da cidade, para assinar o decreto transferindo a Capital. Os que estavam presentes ganharam as diversas canetas com que o Presidente assinou a lei. Onde estava escrito "Goiânia", Juscelino riscou e escreveu "Anápolis". Lá está também a cortina que cobria a placa de inauguração da Estação Rodoviária, "solenidade realizada a 12 de setembro de 60, às 20 horas, na Ala Sul do Mezanino da Estação, em ato presidido pelo Presidente Juscelino Kubitschek e com a presença de Israel Pinheiro, primeiro Prefeito do DF". Foi doada ao Instituto, em 17 de abril de 71, pelo Capitão da Polícia Militar, Geraldo Silva, ex-integrante da Guarda Especial de Brasília.

O Instituto Histórico e Geográfico do DF possui também uma preciosa coleção de recortes de todo o material de imprensa que se publicou no país sobre Brasília (a favor e contra), encadernados em cerca de 70 volumes, assim como a coleção completa do Diário Carioca — "DC-Brasília" — jornal que circulou aqui antes mesmo de inaugurada a cidade.